



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

LARISSA LEITE DOS SANTOS OLIVEIRA

**RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O ENSINO REMOTO: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES**

**CAMPINA GRANDE
JULHO/2022**

LARISSA LEITE DOS SANTOS OLIVEIRA

**RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O ENSINO REMOTO: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva

**CAMPINA GRANDE
JULHO/2022**

O48r Oliveira, Larissa Leite dos Santos.

Residência pedagógica e o ensino remoto [manuscrito] : desafios e possibilidades / Larissa Leite dos Santos Oliveira. - 2022.

51 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva , Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Residência Pedagógica. 2. Alfabetização e Letramento.
3. Docência. I. Título

21. ed. CDD 371.12

LARISSA LEITE DOS SANTOS OLIVEIRA

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O ENSINO REMOTO: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 05/07/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Paula Almeida de Castro (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus e minha família, por ser minha base
e nunca me deixar desistir dos meus
sonhos. Pelas palavras de repletas de
amor e encorajamento,
DEDICO...

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela graça da vida e pelas bênçãos derramadas durante toda minha trajetória. Por ser a luz que me guia e por ter me proporcionado chegar até aqui. Sem Deus eu não teria realizado meu grande sonho de ser professora.

A minha família que sempre esteve ao meu lado, me dando apoio para que eu nunca desistisse dos meus objetivos. Por me orientar e acolher em seu seio com amor e proteção, me ensinar a ver a vida com esperança, humildade e garra para não desistir da luta.

Meus pais, Antônio Francisco dos Santos Oliveira e Rosângela Farias Leite Oliveira, meus irmãos Fabrício Farias dos Santos Oliveira e Vinícius Farias dos Santos Oliveira, que sempre vibraram com cada pequena conquista alcançada. Apesar das dificuldades que passamos juntos, em momento algum soltamos a mão uns dos outros, tão pouco deixamos de acreditar que nossos sonhos são possíveis.

Às amigadas construídas nesse percurso, que trouxeram mais leveza nos tempos mais “pesados” do curso. Pelo companheirismo nos trabalhos acadêmicos e construção da nossa identidade profissional. Em especial, as minhas amigas Natalicia Joaquim, Lívia Gomes e Franciele Mouzinho.

A UEPB e a todos os professores universitários que tive a oportunidade de aprender com seus ensinamentos, especialmente minha queridíssima orientadora Valdecy Margarida, pela linda forma de tecer o conhecimento com alegria, leveza e sem muitas complicações. Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional. E aos auxílios estudantis da Universidade que me permitiram chegar até aqui.

Obrigada a todos que fizeram parte deste processo. Irei guardar cada momento, bons e difíceis vividos dentro e fora da Universidade, um sonho que era até então muito distante se tornou uma porta de entrada para a docência. Cada passo dado em minha trajetória me tornou quem sou hoje e com toda certeza irei continuar caminhando na busca de ser sempre melhor do que ontem e nunca melhor do que ninguém, levando o ensino de forma mais amorosa, significativa e lúdica.

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas. Pessoas
transformam o mundo. ” (Paulo Freire,
1989)

RESUMO

O Programa Residência Pedagógica (PRP) é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e objetiva o aprimoramento na formação dos graduandos dialogando sobre a teoria e a prática educativa, além de contribuir significativamente para a melhoria no ensino público. O presente Trabalho de Conclusão de Curso – TCC objetiva relatar a vivência no Programa com o subprojeto intitulado Pedagogia/Alfabetização do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus I. Toda a experiência relatada foi realizada remotamente em turmas de 4º e 5º ano da Escola Municipal Roberto Simonsen, localizada no município de Campina Grande – PB durante 18 meses (outubro de 2020 a março de 2022). Diante da realidade encontrada, as residentes passaram a atuar na escola de forma virtual em parceria com a preceptora e orientadora. Elaboramos novas estratégias de ensino para nos adaptarmos a essa nova realidade. Porém, nos deparamos com diversas dificuldades agravadas neste período tanto para nós, colaboradores do programa, como as crianças e seus responsáveis. Os encontros de formação nos deram subsídios para embasar nosso trabalho com os estudos da Base Nacional Comum Curricular (-BNCC) e autores como Ferreiro e Teberosky (1991), Soares (2004), Morais e Albuquerque (2010), José Carlos Libâneo, (1990), Freire (1989), dentre outros. O planejamento e a regência nos permitiram concluir que a interação entre as residentes e o campo educacional somou significativamente para o aperfeiçoamento da prática docente e para o processo de alfabetização das crianças.

Palavras-chave: Residência Pedagógica. Alfabetização e Letramento. Docência.

ABSTRACT

The Pedagogical Residency Program (PRP) is one of the actions that integrate the National Policy for Teacher Training and aims to improve the training of undergraduates by dialoguing about educational theory and practice, in addition to contributing significantly to the improvement of public education. This Course Completion Work - TCC aims to report the experience in the Program with the subproject entitled Pedagogy / Literacy of the Full Degree Course in Pedagogy of the State University of Paraíba - UEPB, Campus I. All the reported experience was carried out remotely in classes of 4th and 5th year of the Roberto Simonsen Municipal School, located in the municipality of Campina Grande - PB for 18 months (October 2020 to March 2022). Faced with the reality found, the residents started to work in the school in a virtual way in partnership with the preceptor and advisor. We developed new teaching strategies to adapt to this new reality. However, we faced several difficulties during this period, both for us, the program's collaborators, as well as for the children and their guardians. The training meetings gave us subsidies to support our work with the studies of the National Common Curricular Base (-BNCC) and authors such as Ferreiro and Teberosky (1991), Soares (2004), Morais and Albuquerque (2010), José Carlos Libâneo, (1990), Freire (1989), among others. The planning and administration allowed us to conclude that the interaction between the residents and the educational field added significantly to the improvement of teaching practice and to the children's literacy process.

Keywords: Pedagogical Residence. Literacy and Literacy. teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 RESIDÊNCIA PEDAGOGICA E FORMAÇÃO DOCENTE.....	11
3 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	13
4 O ENSINO EM TEMPOS DE PANDEMIA	22
5 METODOLOGIA	25
6 CONSTRUINDO SABERES: OS ENCONTROS DE FORMAÇÃO E PLANEJAMENTO.....	27
6.1 O espaço escolar	34
7 REGÊNCIA: UMA PRÁTICA FUNDAMENTADA	39
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico descreve as experiências advindas do Programa Residência Pedagógicas (PRP)¹ do subprojeto Pedagogia/Alfabetização do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus I. Este Programa propicia a interação entre universidade e escola pública, contribuindo significativamente no processo de formação crítica e profissional e melhoria no ensino público e da formação docente.

O PRP em parceria com a rede pública de ensino possui duração de dezoito meses consecutivos. Este Programa é dividido em três módulos cada um com duração de seis (6) meses. No decorrer dos módulos desenvolvemos três tipos de atividades: formação, planejamento e regência vivenciada de outubro de 2020 a abril de 2022. O edital de 2020 foi voltado para a temática Alfabetização e Letramento e buscou aprimorar a prática docente de graduandos visando contribuir no processo de Alfabetização e Letramento das crianças matriculadas na rede municipal de ensino.

A instituição de Educação Básica em que vivenciamos o subprojeto foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Roberto Simonsen, localizada na cidade de Campina Grande - PB. O Subprojeto teve a orientação da professora Dra. Valdecy Margarida da Silva e a supervisão da professora preceptora Silvana Neves do Nascimento, na turma 4º ano em 2020 e em 2021 continuou com a mesma turma de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, contando com acréscimo de novos alunos.

Do início do Programa até seu término a vivência foi realizada no contexto pandêmico, a atuação docente precisou ser adaptada para a modalidade do ensino remoto que exigiu de todos nós um maior domínio das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs que apesar de evoluir constantemente ainda não faz parte do contexto de boa parte dos cidadãos brasileiros. Podemos comprovar este impasse pela enorme dificuldade encontrada, primeiramente, por nós pelo fato de não dispormos de conhecimentos adequados para o uso de ferramentas tecnológicas a favor do ensino assim como do outro lado das telas em que se encontra o aluno que não possui equipamentos adequados ou até mesmo a ausência dos mesmos e da internet em casa. Durante todo esse processo vivido com bastantes dificuldades, exigiu

¹ Usarei no corpo do texto a sigla PRP para Residência Pedagógica (GRIFOS MEUS).

de todos nós mais empatia e resiliência, esforço e comprometimento com o exercício docente e a vida profissional.

Este trabalho tem por objetivo principal descrever sobre a importância das práticas de alfabetização e letramento estudadas e vivenciadas na RP, assim como relatar as experiências que contribuiu de forma significativa para a formação docente na compreensão de metodologias alternativas e cativantes, tendo em vista as dificuldades agravadas pelo período remoto.

As práticas de Alfabetização e Letramento percorrem a vida dos sujeitos por toda a vida. Se constituem em construção social que possuem naturezas distintas mas que se entrecruzam na concepção do ensino e aprendizagem. A Alfabetização diz respeito ao processo pelo qual se adquire uma tecnologia, a escrita alfabética e as habilidades de utilizá-las para ler e escrever, o Letramento entra em cena como o exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita em práticas sociais (SOARES, 2003).

Neste trabalho apontamos a importância de tratar desses temas como uma via de mão dupla a fim de formar cidadãos letrados. Para isso, é importante democratizar vivências de práticas de uso da leitura e da escrita através da mediação que leve o aluno a, ativamente, construir e reconstruir essa invenção social.

Portanto, utilizamos do relato de experiência como metodologia de pesquisa pela importância de trabalhar esta temática de forma prática e reflexiva, apontando os desafios e as possibilidades encontradas durante nosso percurso de formação no Programa atrelados aos aprendizados resultantes da Graduação.

Esta monografia é organizada em capítulos que promovem o diálogo da teoria com a prática advinda do PRP. Inicialmente, discutimos a importância deste Programa para a formação docente, as práticas de alfabetização e letramento na educação básica fundamentados nos estudos de FERREIRO, SOARES, BATISTA, FREIRE dentre outros. Bem como os desafios para a alfabetização e letramento serem efetivados durante a pandemia do COVID-19, e as atividades desenvolvidas no Programa organizadas em três respectivos momentos: formação, planejamento e regência apontando os resultados encontrados.

2 RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DOCENTE

O Programa Residência Pedagógica (PRP) é um Programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que objetiva impulsionar a interação entre Universidade e Escola Pública, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica e melhoria no ensino público.

As Instituições de Ensino Superior (IES) são selecionadas através de editais públicos nacionais para apresentarem projetos institucionais de residência pedagógica. Todos os colaboradores que movem o PRP, coordenador institucional, docente orientador, preceptor e residente participam de um processo seletivo, dentro de seu campo de atuação, sendo concedidas bolsas aos participantes do Programa como também conta com a participação de voluntários.

O PRP proporciona aos futuros pedagogos (residentes) uma experiência riquíssima em sala de aula, a partir das vivências realizadas dentro e fora da escola, em conjunto com a professora preceptora, a docente orientadora e a coordenadora institucional do Programa, possibilitando um processo de ensino e aprendizagem que divide e multiplica saberes tanto para os residentes como para os estudantes da Educação Básica.

A duração do Programa se dá pela imersão dos residentes durante dezoito meses consecutivos, participando ativamente das atividades relativas ao período de formação a fim de fundamentar e fortalecer o aparato teórico em diálogo com as atividades pedagógicas desenvolvidas na escola parceira, compreendendo, assim, o sentido da prática educativa e seus desdobramentos.

Outra atividade fundamental desempenhada na RP é o planejamento. Sabemos que a sala de aula é um espaço de vivências e aprendizado que levamos para a vida toda. Dessa forma, todo o processo de ensino e aprendizagem das crianças deve ser pensado e planejado para e a partir das crianças, contando com metodologias que valorizem e estimulem a busca pelo saber de forma cativante.

A partir da observação atenta e sensível dos alunos e o espaço educacional desenvolve-se o planejamento do plano de atividades de forma interdisciplinar, elaborado coletivamente tornando claro a importância do trabalho em equipe.

A regência, que diz respeito à participação da rotina na escola, é o momento de pôr em prática tudo o que discutimos e aprendemos tanto na RP como no percurso

da graduação. Exercer a função de educador construindo conhecimento em conjunto com a turma de forma lúdica, despertando a curiosidade, imaginação, indagações e hipóteses em que os residentes tecem seu processo de identidade profissional ao mesmo tempo em que colaboram para a melhoria do ensino na Educação Básica.

A oportunidade de ter contato com a prática docente e discuti-la durante o período da formação inicial (Graduação) é de suma importância e este Programa viabiliza a aproximação da realidade profissional, seus desafios e seu papel crucial na sociedade, desenvolvendo significativamente a relação entre a teoria e a prática através dos encontros semanais discutindo acerca de metodologias de ensino que estimulem integralmente os estudantes para e por meio da prática.

São vários os benefícios advindos da aproximação entre as unidades de ensino. Podemos citar as orientações com os professores orientadores, preceptores, através de reuniões formativas realizadas semanalmente que fomentam o aprofundamento de temáticas cruciais que circulam o ambiente escolar. Apresentando-se, então, como um elo entre formação inicial para os residentes e formação continuada para os preceptores.

A formação docente é construída socialmente antes e durante a jornada profissional do professor. Ela necessita de um preparo que não finda no curso de Graduação. Por isso, é fundamental uma reflexão crítica sobre a prática, entrelaçando as teorias ao desenvolvimento das práticas no contexto escolar, contribuindo para a construção de uma práxis transformadora.

Este edital em específico é voltado para a questão das práticas de Alfabetização e Letramento na Educação Básica, tendo em vista que é um tema bastante estudado e discutido. Entretanto, ainda há sérios problemas atrelados à sua efetivação no ensino público. Traçamos estratégias para aprofundarmos no tema e buscar suprir, ao menos um pouco, este desafio ainda mais agravado pela pandemia de COVID-19 que assolou o país e o mundo.

A valorosa vivência deste Programa reforça o fato da necessidade de promover cada vez mais políticas públicas direcionadas para o aperfeiçoamento da formação de professores para que se sintam motivados, valorizados e principalmente que sua prática fundamentada, seja reconhecida. O educador é um profissional indispensável para a construção do conhecimento de forma dialogada e reflexiva.

3 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A língua é uma atividade dinâmica e criativa. Sua aquisição é transformadora tanto através da oralidade como da escrita. Através da língua é possível que o homem se expresse e conviva na sociedade assumindo uma postura consciente de suas ações e direitos, sendo responsável por si próprio, pelo outro e pelo ambiente em que habita. Isto ocorre por meio das interações sociais repletas de experiências singulares e históricas que se manifestam das mais distintas formas de expressão podendo ser pela arte ou pelo encantamento das palavras faladas e/ou escritas.

Sendo um dispositivo utilizado pelo homem, a língua, para contar e imaginar histórias, fatos, descobertas, sentir, conhecer o mundo e as sensações, sempre aprendendo algo novo ou refletir acerca de aspectos do passado por meio das palavras escritas e pela leitura. A língua está presente em todos os ambientes sociais e a escola se mostra um ambiente propício para uma formação de cidadãos ativos, pensantes e criativos na sociedade, em especial cito as crianças matriculadas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que em seu início do ciclo escolar necessitam de profissionais que os impulsionem e auxiliem seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor.

É essencial assegurar o direito das crianças, jovens e adultos de aprender a ler e a escrever e, assim, a participar do mundo da escrita. Entretanto, não podemos esquecer que há uma dificuldade antiga e persistente em nosso país para tornar os sujeitos da escola pública leitores e escritores. O fato de haver privilégios para as classes mais favorecidas e conseqüentemente o afastamento da população mais carente das redes de ensino faz com que possamos presenciar esse abismo social e o fracasso escolar tão presente na escola pública.

A nitidez da marginalização dessa classe é comprovada pelos altos índices de taxas de analfabetismo e evasão escolar, mas esta problemática não é uma questão apenas desses sujeitos e sim social como salienta Batista “O problema do analfabetismo, na escola ou fora dela, é parte de um problema maior e de natureza política. É o problema da desigualdade social, da injustiça social, da exclusão social.” (BATISTA, 2006, p. 15).

Vivemos e convivemos em uma sociedade que prevalece a cultura escrita, exige-se dos sujeitos o domínio do código linguístico e suas funções sociais. Sua

aquisição não é neutra, pois, sofre fortes interferências sociais, culturais, políticas e econômicas, resultando no sucesso e permanência na escola ou seu afastamento e perda de direitos enquanto estudantes.

Todo esse desenvolvimento e aprendizado da leitura e escrita ocorre por meio de dois processos distintos porém, indissociáveis que são desenvolvidos dentro e fora das salas de aula, são eles a Alfabetização e o Letramento. Nas breves palavras a seguir apontamos o que seria cada um desses processos, para que então possamos perceber a importância de compreendê-los como uma via de mão dupla rumo ao aprendizado constante e regular.

Desde criança, tentamos interpretar vários textos (de linguagem verbal e não verbal) que circulam no ambiente letrado em que estamos imersos construindo, assim, sua bagagem de esquemas interpretativos, que se dá pela ligação entre os saberes já adquiridos com os novos. Este processo também ocorre no momento de aprender a ler e escrever.

A Alfabetização corresponde à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito. Sendo uma construção social, sua conceituação sofreu diversas modificações e ampliação com o passar dos tempos. Até 1940, para se considerar uma pessoa alfabetizada bastaria que esta conseguisse assinar seu próprio nome, tornando evidente o descaso para com a população, negligenciando seu direito à Educação, ou seja, a uma melhor compreensão do mundo que o cerca e as relações sociais estabelecidas através de classes que distinguem desigualmente o povo. Saber escrever seu próprio nome é fundamental, mas é preciso ir além, garantindo o pleno direito ao conhecimento.

Posteriormente, de 1950 ao censo de 2000 os instrumentos de avaliação sofreram modificações. A pessoa que fosse capaz de ler e escrever um bilhete simples era aceita como alfabetizada. De certa maneira foi um avanço ainda que em passos curtos pois, compreendia que para ser um sujeito alfabetizado era necessário mais do que assinar seu próprio nome, seria preciso dominar habilidades para comunicar-se através da escrita.

A partir daí surgem novos conceitos: os chamados alfabetizados funcionais tendo como base o nível de escolaridade atingido além de saber lançar mão de habilidades sociais da leitura e escrita. Já os analfabetos funcionais são aqueles que, apesar de ter frequentado a escola durante um determinado período de tempo e

saberem o sistema alfabético, não usam a língua escrita em práticas sociais de leitura e produção de textos, ou seja, sabem ler e escrever porém não conseguem fazer seu uso social.

Facilmente nos deparamos com pessoas que passaram pela escola, aprenderam técnicas de decifração do código escrito, leem palavras e textos simples, mas que não são capazes de fazer uso da língua escrita em situações sociais que requeiram habilidades mais complexas. Essas pessoas são alfabetizadas, mas não são letradas. Daí serem conceituadas como analfabetas funcionais.

De acordo com Soares (2003), a alfabetização corresponde ao processo pelo qual se adquire uma tecnologia, a escrita alfabética e as habilidades de utilizá-los para ler e escrever, sendo necessário expor o aluno ao mundo dos textos, com intencionalidade pois, os alunos não se alfabetizam espontaneamente, dando liberdade dos alunos manipular, montar e desmontar palavras.

A alfabetização, enquanto ensino e aprendizado da escrita alfabética, seus símbolos (letras ou grafemas), envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos acerca do funcionamento desse sistema. Por isso, é necessário trabalhar relacionando o significado (a ideia que se tem do concreto) com o significante (conjunto de sons articulados associados ao concreto) para se estabelecer uma correspondência.

Dessa forma, ousa a questionar, será que apenas conhecer o sistema alfabético e saber ler e escrever irá tornar esses alunos preparados para o ambiente social em que seria necessário utilizar práticas de leitura e escrita no seu cotidiano? Obviamente que não, seria tolice escrever palavras sem sentido e ler sem compreender o que aquelas letras que se unem formando palavras, frases e textos podem contribuir para a minha identidade enquanto sujeito único e recheado de experiências. Mas, então, como as crianças aprendem a ler e a escrever?

A psicóloga, pesquisadora e escritora Emilia- Ferreiro (1995) em sua pesquisa sobre a psicogênese dos sistemas de interpretação criados pelas crianças para compreenderem a escrita alfabética afirmou que essa experiência resultou em um processo que a criança vivencia para a construir a aprendizagem da leitura e escrita, perpassando por três níveis de desenvolvimento psicogenéticos.

O primeiro nível corresponde a introdução da criança no processo de aprendizado da leitura e escrita, é o momento que ela começa a diferenciar o desenho

da escrita através de explorações vivenciadas dentro e fora da sala de aula, compreendendo então que o traço usado para produzir um desenho percorre caminhos distintos daqueles correspondentes à escrita. Ela não tem o mesmo formato dos objetos. Ela é representada por meio de letras que necessitam de linhas mais específicas. A partir dessa distinção:

[...] as crianças reconhecem, com rapidez, duas das principais características básicas de qualquer sistema de escrita a saber: o conjunto de formas é arbitrário (pois as letras não reproduzem a forma dos objetos) e elas são organizadas de maneira linear (ao contrário do desenho). (FERREIRO, 1995, p. 23)

Dessa forma, a criança consegue identificar as letras como objetos substituto, como afirma esta mesma autora, e distinguir as duas representações gráficas da língua: o desenho e a escrita. A criação de hipóteses para desvendar como escrever as palavras acontece por diversas vezes, a “hipótese icônica” é a etapa em que a criança ainda não diferencia a escrita do desenho, já na “hipótese não icônica” isto já é superado e costuma aparecer cedo nas produções das crianças.

Muitas das vezes essa rapidez de diferenciação decorre do ambiente cultural que a criança vive. Quanto mais recursos neste sentido mais rápido e leve será seu entendimento da língua. Lamentavelmente este é um privilégio das classes sociais mais favorecidas, a elite.

Todavia, independentemente de onde esta criança se localize, ela não é um sujeito passivo ao conhecimento, uma tábula rasa, ela é movimento, imaginação, criação, ela aprende mas também ensina, ao seu modo de ver e se expressar no mundo. O processo de aprendizado da língua antes de mais nada deve ser atenta e sensível, “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 1974). É preciso compreender como a criança aprende e quais são suas bagagens para proporcionar o ensino verdadeiramente integral.

A partir do momento que a criança entende que as letras são utilizadas para representar o mundo e o que habita nele, nomeando os seres, objetos, sentimentos e para ser interpretado não só pelo autor, mas como os leitores, é necessário organizar as letras corretamente, seguindo uma norma afim de facilitar o entendimento de todos. É crucial ensinar como a escrita é construída, inicia-se da direita para a esquerda e de cima para baixo. Inicialmente, as crianças não dominam esta técnica, por isso requer um trabalho minucioso e duradouro com intencionalidade.

Com base na psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro, compreendemos, por diversas vezes elas partem do aspecto quantitativo de letras, outra hipótese levantada, para se escrever uma palavra deve-se usar mais de duas ou três letras. Neste caso, a criança identifica que apenas uma letra não corresponde a uma palavra. Há também o aspecto qualitativo, as letras devem ser diferentes nomeado como “variações qualitativas internas a esse segundo princípio regulador da construção do saber pelas crianças” (FERREIRO, 1995, p. 27).

Mesmo dominando alguns saberes iniciais sobre o sistema alfabético, ainda não conseguem ler e escrever. Mas, é a partir desses princípios, citados anteriormente, trabalhando gradativamente os processos de articulação entre as letras e os sons, produzidos em determinadas ordens de letras que elas iniciam sua construção enquanto alfabetizando.

Não podemos deixar de lado que as crianças são atores sociais que enxergam o mundo de forma singular, exalam imaginação e criatividade de maneira inigualável, podendo associar o tamanho do objeto ou animal ao tamanho da palavra, quantidade e uso de letras.

Este momento corresponde ao segundo nível. Elas trabalham para apreender o símbolo linguístico em sua totalidade ao invés de apenas decifrar o valor sonoro das letras. É acrescentado aos aspectos quantitativos e qualitativos as variações qualitativas, que se refere a troca da ordem letras de uma única palavra para formar uma nova a depender a bagagem já adquirida do sistema alfabético. As variações na escrita das crianças dependem do estoque de letras que ela conhece.

O terceiro nível refere-se à fonetização da representação escrita. Essa fase é caracterizada por três subníveis, uma construção de três hipóteses: silábica, silábica-alfabética e alfabética (FERREIRO, 1995, p. 29).

A primeira hipótese, a silábica, se dá quando as crianças começam a associar as letras aos sons, ou seja, o padrão sonoro das palavras muitas vezes elas utilizam uma letra para representar uma sílaba na tentativa de lidar com o todo (a palavra) e as partes constitutivas (as letras).

A segunda, a hipótese silábica alfabética, mesmo ainda usando uma letra para representar uma sílaba, conseguem formular algumas sílabas, para chegar no terceiro subnível, a hipótese alfabética, há uma grande dificuldade, lidar com as normas ortográficas (pontuação, espaços em branco, letras maiúsculas e minúsculas), mas

elas já entendem que determinados sons correspondem a determinadas letras, ou seja, a natureza do sistema alfabético.

A Alfabetização não para por aí. Esses subníveis são avanços alcançados pelas crianças que irão ser aperfeiçoados cada vez mais, na constante atividade do sujeito em interação com o objeto de conhecimento. A “Teoria de Emilia Ferreiro” possibilita um melhor entendimento de como funciona o processo de construção do aprendizado da leitura e escrita, em que se tem uma revolução conceitual, a alfabetização não é apenas técnica, ela é processo.

É sem dúvida um processo em que todas as crianças devem vivenciar, de forma a cativar seu interesse e desejo pelo aprender, por meio de atividades atrativas, contextualizadas e instigantes, pelos diversos tipos e gêneros textuais fazendo com que seu conhecimento do sistema alfabético evolua gradativamente, de forma leve e respeitosa.

O ambiente alfabetizador é fundamental para o bom desempenho dos alunos. A organização a sala de aula com base na escrita, chamada, calendário, espaço para leitura dentre outros favorecendo a exploração e incentivo tanto para a decodificação como o seu funcionamento e importância para o dia a dia. Todavia, a mera exposição da criança ao sistema alfabético sem a devida intenção e mediação pedagógica é insuficiente para o processo de alfabetização efetivo. Para Soares:

Não basta que a criança esteja convivendo com muito material escrito. É preciso orientá-la sistemática e progressivamente para que possa se apropriar do sistema de escrita. Isso é feito junto com o letramento. (SOARES, 2003, p. 19)

Não basta saber codificar e decodificar. É crucial trazer significado para aquilo que transmito por meio da leitura e escrita. O aluno deve ser o centro, o protagonista no processo de inserção e participação na cultura escrita. O Letramento é o nome dado às práticas sociais da leitura e escrita, que se realizam entre os sujeitos por meio da linguagem em que a escrita é a mediadora neste processo complexo.

Desenvolver habilidades sociais que envolvem a escrita vai além dos muros das escolas, a escolarização proporciona uma inserção mais democrática do sujeito na sociedade letrada, mas, não existe uma relação direta entre escolaridade e letramento, embora mesmo que as algumas pessoas não saibam ler ou escrever, dominam esse sistema pelo fato de conviver em um mundo letrado.

O letramento tem início quando a criança (desde o nascimento) começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na nossa sociedade grafocêntrica como por exemplo placas, outdoor, TV, celular, embalagens dentre outros, esse processo se prolonga por toda a vida, de forma crescente de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, de fato, ela faz parte de praticamente todas as situações cotidianas.

Este termo foi criado, quando se passou a entender que, nas sociedades contemporâneas, é insuficiente apenas o aprendizado das letras, pois, para se integrar socialmente é necessário também saber utilizar a língua escrita nas situações em que esta é necessária e não somente nas atividades escolares.

Não existe um método de letramento. Pois, o letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita e para ser construída da melhor forma o professor pode adotar práticas diárias de leitura de livros, organização espacial de modo que os textos, ilustrações, alfabeto, calendário dentre outras possibilidades, façam parte do convívio dos alunos.

Aprendizado algum começa do zero. É preciso associar os saberes do sistema alfabético de forma integrada a realidades e aos saberes já construídos pelos alunos, uma bagagem de esquemas interpretativos. Este processo fornece oportunidades de uso, reflexão dos diversos textos que circulam socialmente, é o exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita (SOARES, 2003).

O ato da leitura não se esgota na decodificação pois, antes de ler o código estamos lendo o mundo é concebido, partimos de informações diversificadas já conhecidas objetivando a compreensão do texto lido. Toda criança tem uma história e suas vivências nos diversos ambientes que circula contribui para a compreensão do código linguístico.

A interpretação da escrita depende tanto das influências externas (o contexto), como internas, se o que elas pensaram realmente é o que está escrito. Por isso, a socialização é tão importante em sala de aula. Ao trocar ideias amplia o entendimento dos alunos. O uso da literatura infantil se mostra um grande aliado não apenas pretexto para lecionar conteúdos mas, para despertar para a compreensão do mundo, reconhecer-se e reconhecer o outro.

Por isso, o início da vida escrita deve ser em diálogo com os conhecimentos de uso da língua, explorando as diversas formas de expressão da escrita nos ambientes

de convivência das crianças, os diferentes tipos e gêneros textuais, pesquisas e várias outras formas de conciliar esses elementos essenciais para o aprendizado que supera aprender as letras e seus sons, mesmo sendo um aspecto importante, não é suficiente.

O que evidenciamos é a troca mútua desses processos. Para se alfabetizar, os saberes “técnicos” da língua escrita com as suas funções cotidianas. Da mesma forma que o letramento deve ser construído em parceria com os conhecimentos alfabéticos. A Magda Soares aponta uma solução para esta situação. De acordo com a pesquisadora:

dissociar alfabetização de letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema/grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2005, p. 32)

Para isto, requer democratizar as vivências de práticas de uso de práticas de uso da leitura e escrita levando-os a descobrir os benefícios de experimentar este aprendizado de modo a construir e reconstruir essa invenção social. Cada um deles possuem suas especificidades, mas são complementares, inseparáveis e ambos indispensáveis. É um desafio diário para os professores conciliar esses dois processos, de modo a assegurar aos alunos a apropriação do sistema alfabético e ortográfico e a pleno domínio do uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita. Mas, a partir de uma formação inicial fundamentada e bem qualificada é possível fazer a diferença na vida dos cidadãos.

No processo de desenvolvimento e aprendizado da leitura e da escrita (resultante da Alfabetização e Letramento) é preciso o professor enxergar com totalidade a produção do seu aluno: as intenções, a interpretação, a reescrita do texto realizando uma correção que faça com que seu aluno busque aprimorar suas produções textuais, estimulá-los a leitura de seus próprios textos, dar oportunidade de

melhorá-los é um aspecto que dá significado não só para a escrita do aluno mas também a valorização daquele sujeito que está iniciando seu processo de escolarização.

A escola é e sempre deve ser um espaço de crescimento e não um local que poda os sonhos dos estudantes, é a instituição responsável por promover oficialmente o letramento todavia, as práticas de letramento na escola diferem dos contextos exteriores a ela. É preciso mudar este cenário, como afirma o patrono da Educação Paulo Freire “[...] ensinar não é só transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. ” (FREIRE, 1996, p. 25) possibilidades estas em consonância com o contexto das crianças.

É imprescindível formar cidadãos letrados, ajudá-los a apropriar-se dos usos, das intenções e das características da escrita pois o domínio alfabético é um conhecimento básico para ser efetivamente letrado. A escrita é uma tecnologia e necessita de envolvimento e engajamento de quem aprende e de quem ensina. Portanto, os dois processos citados acima são como tijolos e cimento para construir uma escada, um precisa do outro para crescer de forma equilibrada e resistente.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco pois são processos interdependentes e indissociáveis. Possuem natureza fundamentalmente distintas que envolve conhecimentos, habilidades e competências específicas. A entrada dos sujeitos no mundo da escrita se dá de forma simultânea pela aquisição do sistema convencional da escrita e pelo desenvolvimento de habilidades de uso do código nas práticas sociais que englobam a língua escrita.

É importante que a Alfabetização se desenvolva em um contexto de Letramento. Não basta tentar reinventar a Alfabetização afim de obter maior sucesso no ensino e aprendizagem. É necessário compreender que ela e o Letramento possuem naturezas distintas mas que devem ser complementares. “A mudança não deve ser um retrocesso, mas um avanço. ” (SOARES, 2003, p. 21).

4 O ENSINO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Desde o final do ano 2019 o mundo e a forma que vivemos e convivemos nele se modificou bruscamente em frente à complexa conjuntura provocada pela pandemia da Covid-19, um vírus desconhecido que provocou medo, angústia e incertezas. A pandemia afetou a todos, sem distinção de cor, etnia ou classe social, desvelou e acentuou os problemas sanitários, socioeconômicos e educacionais do país e do mundo.

Em decorrência de uma doença de origem desconhecida, prevenção e tratamento, as autoridades estabeleceram algumas medidas de prevenção como o isolamento social e a quarentena a fim de conter a propagação do vírus que silenciosamente ultrapassa fronteiras (territoriais e econômicas). Uso o termo no presente, pois o vírus infelizmente ainda circunda nossas vidas, entretanto de forma menos voraz.

A estratégia posta abalou a forma como as pessoas se relacionam em sociedade. Os estabelecimentos públicos e privados fecharam as portas por tempo indeterminado. O afastamento de estudantes e educadores do ambiente escolar sem dúvida afetou significativamente o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e adultos. A ausência do contato humano, das dinâmicas em sala e fora dela limitou a construção de conhecimento advindo das experiências trocadas com o outro.

A suspensão de suas atividades presenciais a partir de março de 2020 alterou a forma do ensino e aprendizagem em todos os níveis educacionais, visando à continuidade das atividades escolares e garantir a aprendizagem de forma não presencial. Entretanto, a qualidade e o direito de acesso à educação tornaram-se um grande desafio. Dessa forma, os professores tiveram que elaborar novas estratégias de ensino para se adaptar a essa nova realidade. A implementação do ensino remoto tornou-se uma estratégia importante adotada no mundo inteiro

O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. É emergencial porque do dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado (BEHAR, 2020, s.p).

É necessário, portanto, que professores não tratem a situação educacional agravada pela pandemia, como se estivessem em aulas presenciais. São diferentes momentos e espaços, ambientes diferentes de aprendizagem. Em detrimento dessa

situação a evasão escolar aumentou, tanto pelo fato de muitas crianças não terem acesso às tecnologias e/ou pelo fato de pais e/ou responsáveis não terem condições de axilar as crianças nas aulas remotas, por questões de trabalho ou até mesmo por pouca instrução para lidar com os conteúdos passados para elas.

A Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação preconizam a educação como direito e reforçam o princípio da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (BRASIL, 2010; BRASIL, 1996). Entretanto, o ensino remoto (uma modalidade adotada em consequência da covid-19) agravou a qualidade e a desigualdade educacional do país. Muitos dos alunos, das classes populares, já enfrentavam dificuldades básicas como a alimentação, o ambiente familiar, questão financeira, tão pouco tinham acesso à internet. Como iriam dar continuidade aos estudos com tanta precariedade aflorada pela pandemia?

O ensino tornou-se um desafio diário e o processo de alfabetização que já era repleto de influências externas e internas, agravou consideravelmente o desenvolvimento e aprendizado desse processo tão importante atrelado ao letramento. Na ausência de condições para o devido acompanhamento das aulas, as escolas distribuía atividades impressas para os que não tem acesso à internet em casa, mas, os próprios pais ou responsáveis não conseguiam ensinar a seus filhos. A falta de comunicação com a família agravou negativamente o processo de aprendizagem dos alunos. Aqueles que possuíam internet em casa não era de boa qualidade, na maioria das vezes.

Outra questão que interfere nos estudos nessa nova dinâmica escolar é a espacial. O espaço inadequado ou escasso nas casas, como poucos cômodos e muitos integrantes ou excesso de movimento e barulho. Toas essas lacunas se tornaram um empecilho para o desempenho dos estudantes. Vivenciar esse ensino não é fácil para nenhum dos envolvidos (professores, alunos e família).

Podemos considerar que o trabalho com ensino remoto é exaustivo, exige do profissional da educação além de aprender a utilizar as tecnologias para fins pedagógicos, teve que adaptar à realidade vivida tornando o ensino mais acessível para os alunos.

Esse ensino implantado às pressas e sem considerar as múltiplas realidades brasileiras revelou o quanto os projetos e/ou as políticas educacionais precisam ser melhor planejadas e implantadas baseadas no real contexto escolar. Esta

problemática afetou negativamente o processo de Alfabetização e Letramento tendo em vista as tamanhas dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem remotamente. Pela ausência do contato direto e necessário com a mediação dos professores, socialização com os colegas, as dinâmicas experimentadas no seio escolar por completo impedindo um maior desenvolvimento de habilidades fundamentais como o processo da leitura, escrita e reescrita, interpretação e produção.

Ao interagir com o grupo a criança cria, descobre e reinventa e neste contexto torna o aprender uma tarefa menos atrativa aos seus olhos, aprender longe sem a interferência do professor que, queiramos ou não, se apropria do conhecimento, advindo do contexto acadêmico, de modo que aprende a lidar com os conflitos cognitivos dos alunos no processo de alfabetização. Além de não existir o tocar, sem sentir o calor humano que torna as aulas mais distantes. Apesar de todo o engajamento dos professores em deixar as aulas mais leves e dinâmicas não podemos deixar de lado os diversos fatores que interfere no processo de ensino e aprendizagem, a família.

Cada família possui sua própria organização, crenças, ideais e dificuldades que vão além das questões financeiras, a carência de formação dos pais para auxiliar nas atividades escolares foi um destes fatores que somado a ausência de suportes digitais acarretou, infelizmente, o afastamento e a defasagem na aprendizagem desses alunos. Foi preciso nos reinventar em todos os momentos, tomar a decisão, sabendo que desistir não é solução para os problemas. Neste sentido, fomos a luta e buscamos desenvolver nosso trabalho da melhor forma que pudemos, pensando nos alunos, seus sonhos e dificuldades apresentadas por eles.

5 METODOLOGIA

O relato de experiência como método da pesquisa é um texto científico de caráter descritivo e reflexivo que narra com detalhes e de modo contextualizado experiências vividas constando os aspectos positivos e negativos da experiência vivenciada. Esse texto acadêmico contribui significativamente para o aperfeiçoamento da prática docente, compreensão e qualificação da construção do conhecimento a partir da experiência vivida. Sabemos que para a melhoria da nossa prática, necessitamos ter embasamento científico e uma reflexão crítica.

Esta forma de pesquisa traz não só o suporte teórico, como também aborda os resultados obtidos através da relação entre as teorias e as ações desenvolvidas a partir delas. Somando positivamente para a construção de conhecimento na área de atuação. O relato em questão se constituiu a partir do subprojeto/Alfabetização - “Práticas de Alfabetização e Letramento na Educação Básica”, foi desenvolvido remotamente desde o processo seletivo para orientadores, preceptores, bolsistas e voluntários, em consequência da pandemia causada pelo vírus COVID-19.

A estrutura organizacional da sociedade vigente se deparou com um misto de agravamentos de problemas sociais e espalhando o sentimento de insegurança e incertezas para além das fronteiras geográficas. Toda essa conjuntura salientou a necessidade de rever a forma de conviver em sociedade, a adoção do isolamento social em prol da saúde pública foi um ato internacional para a contenção desse vírus invisível. Todas as mudanças ocorridas na sociedade abalaram a forma de vivenciar o programa que tem duração de dezoito (18) meses compostos por três momentos: formação, planejamento e regência que se deram sob orientação da Professora Dra. Valdecy Margarida da Silva² e supervisão da preceptora Silvana Nascimento.

No processo de formação construímos saberes sobre o subprojeto “Práticas de Alfabetização e Letramento na Educação Básica” com estudos bibliográficos de Soares e Ferreiro, assim como vários outros encontros em que estudamos temáticas que revelam explicitamente a diversidade de quem faz parte da escola e que sem dúvida alguma o professor deve se reinventar a cada dia, praticar, refletir para praticar novamente.

² Professora efetiva do Departamento de Educação – Curso de Pedagogia – Universidade Estadual da Paraíba - Campus I – Campina Grande – PB (GRIFOS MEUS).

Um processo de inacabamento que envolve, estudos e planejamento (outro ponto crucial desse Programa) que evidencia o aluno como centro e protagonista do processo de escolarização.

Por fim, a vivência que corresponde a regência do Programa que fornece as residentes (falo as residentes pois, todo o grupo é formado por mulheres) uma experiência riquíssima dentro da Graduação de relacionar os saberes estudados com a prática docente.

6 CONSTRUINDO SABERES: OS ENCONTROS DE FORMAÇÃO E PLANEJAMENTO

O processo de formação é a base para a construção de um profissional comprometido com sua prática. A ação docente é complexa, pois envolve a interação entre teoria e prática com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional através de um trabalho de reflexão crítica sobre sua ação docente.

Partindo do pressuposto que o educador auxilia no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, este profissional necessita de uma base formativa ampla e diversificada. Vale ressaltar que o ensino é influenciado por diversos fatores como o familiar, cultural, econômico e social.

Por isso, a profissão de professor/educador perderia o sentido se não houvesse seus alunos (atores sociais, ansiosos por novas descobertas). Seu trabalho não é apenas transferir conhecimento e sim criar possibilidades para a construção do saber. A consciência de que estamos em constante desenvolvimento é crucial para o pleno exercício da docência. Não dominamos todo o conhecimento, isto seria até impossível, sempre há algo novo a aprender.

Uma tarefa importante que o professor deve proporcionar é a liberdade e encorajamento de seus alunos pois o aprender é uma construção e o aluno é e deve ser protagonista neste processo. Respeitando e valorizando a heterogeneidade que é sua sala de aula e a escola por inteiro, ninguém é igual a ninguém e nem deveria ser pois são as diferenças que nos tornam únicos e especiais. Isto deve ser reforçado emancipando-os e não os enquadrando-os em moldes sociais, proporcionando não só oportunidades iguais para todos e sim oportunidades de acesso e permanência a partir das necessidades de cada um.

A dinâmica de construção de uma formação docente sólida, reflexiva e contínua a partir do Programa Residência Pedagógica (PRP) ocorreu em parceria entre a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a EMEF Roberto Simonsen, ambas localizadas no município de Campina Grande. Acompanhamos a mesma turma inicialmente o 4º bimestre de uma turma de 4º e posteriormente o 5º ano do Ensino Fundamental.

A turma contava com 20 alunos matriculados e no ano seguinte com acréscimo de mais cinco crianças, contabilizando 25 alunos (vinte e cinco). Todas as aulas eram ministradas remotamente no período da tarde das 13h00min às 17h00min horas através de algumas ferramentas digitais como: WhatsApp, Google Classroom e Google Meet.

Com o intuito de formar futuros profissionais da educação críticos e reflexivos, apesar do período pandêmico, a orientadora Professora Dra. Valdecy Margarida da Silva (Departamento de Educação do Centro de Educação –Campus I – Campina Grande – UEPB), organizou encontros semanais com o grupo de residentes, nos quais discutimos assuntos extremamente relevantes para nossa formação.

O processo de formação foi permeado por importantes discussões que fortaleceram o entendimento e aprofundamento acerca do subprojeto “Práticas de Alfabetização e Letramento na Educação Básica” dialogando com temáticas que circundam o ambiente de ensino e aprendizagem. Todos os encontros foram realizados via Google Meet além de contarmos com *Lives* formativas³:

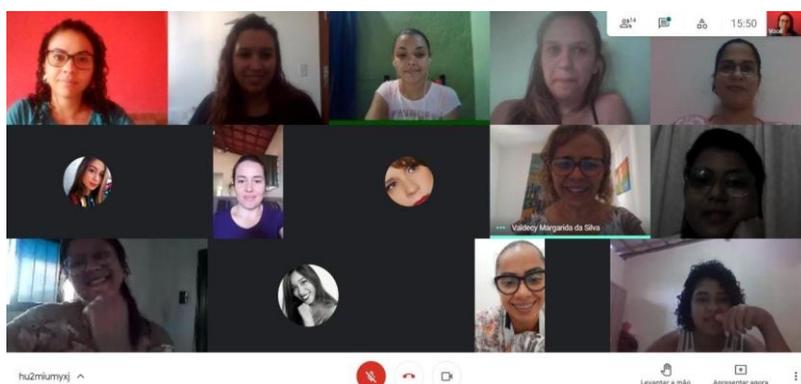


Figura – Arquivo do grupo (PRP)

O processo de alfabetização e letramento é contínuo e deve ser desenvolvido de forma significativa, lúdica e integral. Esses dois processos são distintos porém indissociáveis, possuem especificidades e devem ser trabalhados em sala como uma via de mão dupla rumo ao conhecimento.

Enquanto a alfabetização corresponde à aprendizagem conceitual do sistema alfabético (a técnica, domínio do código convencional da leitura e escrita) o letramento condiz com as práticas sociais de leitura e escrita como aponta Arthur Gomes de

³ As *Lives* foram realizadas no aplicativo Instagram e durante a pandemia foram utilizadas para a apresentação de palestras com discussões de temáticas envolvendo a participação do público.

Morais e Eliana Borges (2010). Para além desse aspecto, é necessário promover um ensino pensado no e para o aluno de forma interdisciplinar levando em consideração que:

O ideal seria alfabetizar letrando, isto é, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se torne alfabetizado e letrado ao mesmo tempo. (SOARES, 2012, p. 47)

O ensino é um processo de transformação das pessoas, necessita de embasamento para planejar aulas mais significativas e acolhedoras. Nos encontros de formação com a orientadora contamos com a presença de convidados relembrando e aprofundando os estudos de temáticas fundamentais para o trabalho docente estudadas durante a Graduação.

Nas tardes de formação e nas *lives* veiculadas através da rede social Instagram tivemos a oportunidade de discutir acerca da “Importância da Literatura Infantil no Processo de Alfabetização” com a Professora Dra. Socorro Moura Montenegro (Departamento de Educação do Centro de Educação –Campus I – Campina Grande – UEPB), a qual dialoga sobre a relevância da Literatura Infantil na constituição de identidade (individual e coletiva), opinião, despertando a compreensão do mundo e reconhecimento do outro a partir do trabalho com literatura.

No início do processo de alfabetização e letramento a literatura infantil mostra-se como um estímulo riquíssimo para o aprendizado da leitura e da escrita, vai além do processo de decodificação da língua emerge afetividade, valorização cultural, fomenta a imaginação e criatividade. A contação histórias desde a mais tenra idade leva as crianças conhecer o mundo de forma atraente, descontraída e sem imposições, dar espaço para a imaginação o ouvir histórias é crucial para relação entre a crianças e os livros.

O contato com esse universo literário pode se dá através da família, da escola e dos demais espaços que essa criança circula. A prática escola não deve, por hipótese alguma, ser limitada apenas, ao livro didático muito menos usar os livros infantis como pretexto para lecionar algum conteúdo, é fundamental instigar o prazer pela leitura, possibilitar momentos de deleite, contato com os livros (cantinho da leitura), principalmente aqueles que trazem representatividade.

Outro processo muito importante, ligado a Literatura Infantil, é “O eixo oralidade presente na BNCC: as interações discursivas na alfabetização” aprofundado com a participação da Professora Dra. Roziane Marinho Ribeiro (UFCG) que ressalta a importância das interações orais e suas peculiaridades como ouvir, gesticular muitas vezes ligadas à afetividade para o processo de alfabetização.

Bem como lives transmitidas pelo Instagram da Orientadora Valdecy Margarida sobre “Direitos Humanos e as questões Étnico-Raciais: uma luta em Movimento (s)” ministrada pela Professora Dra. Cristiane Nepomuceno (UEPB). “A Educação e as questões Étnico-Raciais: perspectivas e desafios” com Moisés Alves, Coordenador do Movimento Negro. Nas quais ressaltam a importância de trabalhar com respeito, valorização e equidade tornando as crianças e adolescentes confortáveis no ambiente escolar estimulando desde cedo a valorização da sua cultura, e construção de sua identidade enquanto de direitos.

Os estudos dos trabalhos desenvolvidos por Carlos Libâneo realizados pelo Google Meet foram bastante pertinentes para melhor compreensão das metodologias de ensino em tempos de aulas remotas, ou seja, os caminhos para se chegar a determinados objetivos. Reforçando o fato de que devem ser contextualizadas e significativas para os educandos de forma sensível e acolhedora perante ao atual momento.

De acordo com o autor, “a escolha e organização dos métodos dependem dos conteúdos específicos e dos métodos peculiares de cada disciplina e dos métodos da sua assimilação.” (LIBANEO, 2013, p. 168). Dessa forma, refletimos acerca da realidade educacional atentando para a relação objetivo conteúdo-método que necessitam possuir caráter científico, ser compreensivo buscando garantir uma educação emancipatória e lúdica apesar da distância.

Respaldadas na Base Nacional Comum Curricular - BNCC observamos o componente curricular Arte, um componente crucial para a formação dos sujeitos, as crianças, que contribui para a interação crítica dos estudantes para com o mundo. Pelo viés da arte “[...] a sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte.” (BRASIL, 2018). É durante o processo de criação artística

que os alunos criam, experimentam, desenvolve e refletem o que produzem e isso foi alcançado dentro do programa como veremos posteriormente.

Trilhemos nas demais áreas do conhecimento posto na BNCC, como o ensino de Ciências provido de forma clara e perspicaz pelo Prof. Dr. Alessandro Frederico (Departamento de Física, Centro de Ciências e Tecnologia, Campus I – UEPB), que evidenciou a importância de ser um ensino problematizador relacionado com o cotidiano das crianças além de propiciar momentos de investigação, atividades experimentais, jogos didáticos, brinquedos e brincadeiras, teatro científico dentre outras possibilidades.

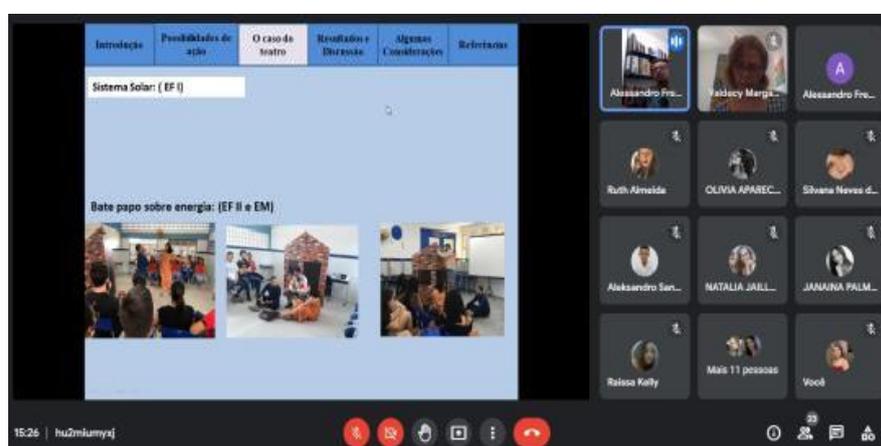


Figura - Arquivo do grupo (PRP)

Com relação ao ensino de Matemática, ministrada pelo Prof. Dr. Aníbal Menezes (Departamento de Matemática, Centro de Ciências e Tecnologia, Campus I – Campina Grande – UEPB), evidencia a importância do trabalho amparado na ludicidade, significatividade, materiais concretos e conhecimento lógico baseado no contexto dos estudantes.



Figura - Arquivo do grupo (PRP)

Contamos com a riquíssima discussão sobre “Conversas com quem gosta de ler: uma experiência de leitura literária” com o Prof. Dr. Marcelo Medeiros (Departamento de Letras – UEPB), que abordou esta temática de forma lúdica e envolvente, de forma inovadora que cativa o desejo dos estudantes pelo o universo literário, proporcionando momentos de leitura deleite, várias possibilidades de leitura, livres interpretações, utilização de recursos, sem imposições ou cunho moralista.

Discutimos sobre Portfólios em aulas remotas com a Profa. Angélica Gouvêa (Colégio Pedro II – Rio de Janeiro) como um instrumento interessante no trabalho docente, como a confecção de um livro de memórias de cada aluno neste atual momento.

Também contamos com a contribuição da Profa. Me. Débora Kelly (UEPB) na área de uma “Educação para a promoção da igualdade de gênero na Educação Infantil exemplificando que é possível educar para a diferença e o protagonismo das crianças negras por meio de brincadeiras, projetos, livros infantis, dinâmicas como a do espelho, paródias e amarelinha africana que fomentem o respeito, reconhecimento e empatia na prática da sala de aula. Além do estudo acerca de “Gênero, sexualidade e educação” com a Professora Anita Pereira (UEPB), tema bastante polêmico, mas de suma importância para a formação e prática docente evidenciando a relevância da prática dialogada, justa e crítica.

Sem perder de vista o debate sobre “A diversidade da composição familiar: uma análise da prática escolar através da literatura infanto-juvenil” dirigida pela professora preceptora e pesquisadora, Silvana Nascimento, que abordou de forma clara e

progressiva a importância deste trabalho e das discussões contextualizadas e lúdicas em sala, sempre prezando pelo respeito e valorização de todos os tipos de família.

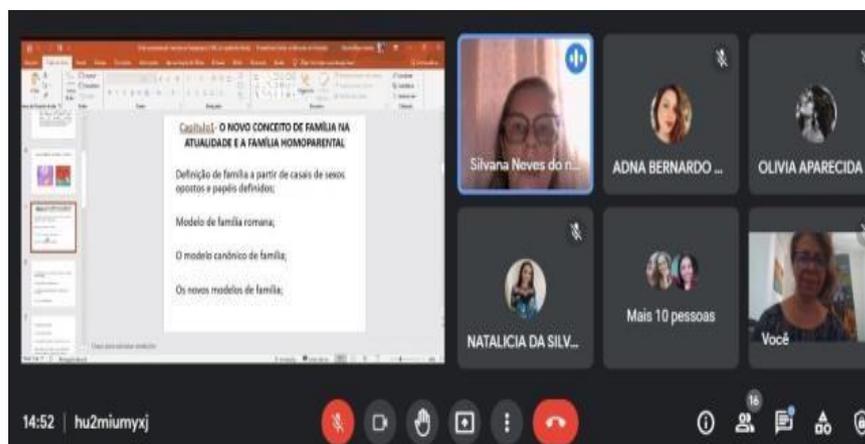


Figura - Arquivo do grupo (PRP)

O processo formativo trilhou caminhos e possibilidades fundamentais para nossa profissão, tratando de áreas do conhecimento e temáticas fantásticas. Tivemos a oportunidade de participar do curso de extensão “Formação de professores, alfabetização e letramento em Educação de Jovens e Adultos - EJA” ministrado pela nossa orientadora Valdecy Margarida como mais um instrumento de formação em que discutimos através da plataforma Google Meet as obras de Paulo Freire como: Medo e ousadia (1986), Pedagogia do Oprimido (1968), Pedagogia da Autonomia (1996) e A importância do ato de ler (1981). Um momento riquíssimo de debates e questionamentos acerca da nossa realidade social.

Em conjunto com os momentos de formação nós, residentes, em parceria com a preceptora e a orientadora do nosso grupo, planejamos a nossa vivência na prática docente. Através do Google Meet discutimos coletivamente os horários, as principais necessidades dos alunos, a importância da parceria entre escola e família principalmente no período de isolamento social. Bem como metodologias que alcançasse o maior número possível de crianças.

A preceptora disponibilizou um plano de conteúdos repassado pela Secretaria de Educação como um dos instrumentos para o planejamento das aulas. Por meio do Google Documentos criamos um documento compartilhado por todas nós, para que realizássemos os planos de aulas visando contemplar todo o aprendizado resultante de nossos encontros de formação no programa e na Graduação.

Nosso objetivo foi trabalhar de forma lúdica e interdisciplinar, com atividades leves, levando em consideração a dificuldade das crianças em estudar em um período tão adverso. Por utilizarmos um documento em que todas tivessem acesso fortaleceu o trabalho em equipe, uma auxiliava a outra favorecendo nosso crescimento profissional em prol do desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Afinal, em todos os âmbitos da sociedade precisamos um do outro, sem o outro não seríamos verdadeiramente humanos. É por meio das interações que aprendemos quem somos e o nosso papel enquanto parte do todo, um ser ativo e singular reconhecedor de seu valor e consciência de nosso inacabamento. Todos os momentos de formação tornaram nosso planejamento e regência mais significativos.

6.1 O espaço escolar

O ato de aprender é constante e vitalício. Entretanto, segue caminhos irregulares em consequência das experiências advindas do contato com o outro, construções da própria identidade e do grupo social em que faz parte. A educação é processo, caminhada repleta de fatores que se inter cruzam e somam diminuem, multiplica e o mais importante divide conhecimentos por todos os confins do mundo. Ela é direito de conhecer-se e conhecer o mundo sob uma ótica libertadora.

O espaço escolar é um ambiente propício para o desenvolvimento integral das crianças, jovens e adultos por meio das interações, construção de identidade e ampliação de conhecimentos, laços de amizade são feitos tornando o espaço mais acolhedor e acolhedor da diversidade que torna viva essa instituição. O poema “A Escola é” de Paulo Freire representa com muita boniteza esse ambiente:

A Escola é
Escola é
... o lugar que se faz amigos.
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente

Gente que trabalha, que estuda
Que alegre, se conhece, se estima.
O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!
Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,
Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo. (FREIRE, Paulo. A escola,
Nova Escola, N.163, jun-jul, 2003).

É indiscutível a importância desse ambiente, porém o trabalho realizado ocorreu muito distante da instituição escolar. Se consolidou remotamente nas residências das crianças e nossa, futuros educadores. A interação é de suma importância para que a aprendizagem ocorra efetivamente, por meio dela aprendemos, partilhamos e construímos conhecimento de forma leve e divertida, entretanto isto se tornou uma problemática no período pandêmico. Cada membro da escola em sua residência impediu o contato social e a construção do saber na presença da energia humana.

De fato, as dificuldades encontradas não enormes (a falta de preparo dos docentes, equipamentos adequados para eles e para os alunos). Na maioria das

vezes era um smartphone dividido entre os pais/responsáveis e/ou irmãos. Isso dificultava o contato com os alunos e a possibilidade de eles participarem de aulas síncronas. Nesses casos, a escola disponibiliza atividades impressas com o intuito de incluí-los ao máximo nas aulas remotas.

Através da plataforma Google Meet tivemos encontros com a preceptora Silvana Nascimento a fim de conhecer o espaço escolar (características físicas e organizacionais), quem faz parte do público da instituição e as dificuldades encontradas na problemática atual.



Figura - Arquivo do grupo (PRP)

Durante toda a vivência no Programa mantivemos a esperança do retorno seguro as aulas presenciais, mas, lamentavelmente isso não foi possível. Em razão da terrível pandemia nós, colaboradores do Programa, não tivemos a oportunidade de explorar a escola e construir experiências com os alunos. Mas, a preceptora com toda sua cordialidade descreveu e mostrou por meio de fotos e vídeos como é a escola, sua estrutura organizacional e as características do seu público.

A escola dispõe de biblioteca, quadra, sala de informática, salas de aula, sala dos professores auditório, secretaria, diretoria, banheiros feminino e masculino para funcionários e alunos, cozinha. Seguem os arquivos disponibilizados pela preceptora Silvana Nascimento:



Figura – Entrada da escola



Figura - Biblioteca



Figura – Pátio



Figura – Sala de aula

7 REGÊNCIA: UMA PRÁTICA FUNDAMENTADA

A organização do Programa conta com uma carga horária destinada a regência. Esta corresponde ao momento do contato direto com a experiência docente. Entretanto, com a pandemia, o formato presencial e o contato com a escola durante os três módulos (cada um com seis meses de duração do Programa) passaram a ser desenvolvido remotamente devido à necessidade do distanciamento social em virtude da pandemia do COVID-19.

Dessa forma, recorreremos ao uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) como alternativa para efetivação do programa e do ensino de forma geral, por meio das plataformas digitais Google Docs, Meet e Classroom e a rede social mais popular entre os brasileiros o WhatsApp.

Antes de qualquer ação efetiva faz-se necessário planejamento, realizado coletivamente sob orientação da professora orientadora e da preceptora que disponibilizou um plano de conteúdos repassado pela Secretaria de Educação, a qual elaborou para cada aluno um e-mail institucional para o ingresso na sala de aula virtual (o Google Classroom).

Como essa ferramenta era praticamente nova para o cotidiano dos alunos e seus familiares, eram poucas as crianças que conseguiam acessar e fazer o uso corretamente. Ora por não saber como funciona ou por não ter um equipamento adequado ou mesmo sua ausência. Sentiu-se a necessidade de criar de um grupo no WhatsApp, para um melhor entrosamento por ser uma ferramenta mais acessível de comunicação. Tornou-se a principal porta de acesso as crianças e familiares. Disponibilizamos vídeos explicativos do Youtube e ficamos disponíveis para tirar possíveis dúvidas acerca da plataforma (Google Classroom) tanto coletivamente como de forma individualizada.

Todo esse entrosamento possibilitou que nós, integrantes do Programa pudéssemos conhecer melhor as crianças. Realizamos uma apresentação inicial em que cada um integrante do grupo enviou uma foto falando um pouco sobre si, uma conversa tranquila e descontraída. Foi nosso primeiro contato com as crianças.

As aulas iniciavam toda segunda-feira às 13h00min via Google Meet, visando uma maior interação e socialização entre a professora, as residentes e os alunos. Neste momento, conseguimos ter um contato mais próximo com as crianças, além de

explicar o assunto das atividades do dia e auxiliando nas possíveis dúvidas. Poucos alunos participavam das aulas pelo Meet, como podemos ver na figura abaixo apenas cinco (5) alunos estavam presentes, a preceptora e residentes. Isto reflete as dificuldades do acesso aos meios tecnológicos, um problema encontrado não só pelos alunos e familiares mas, também dos professores.

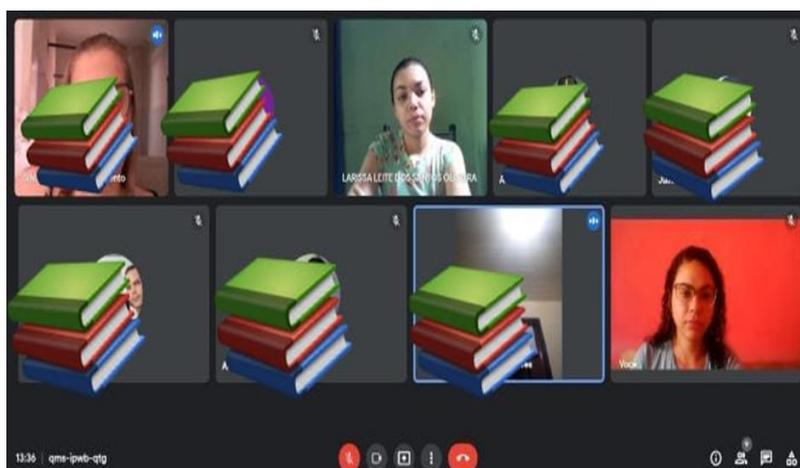


Figura - Arquivo do grupo (PRP)

Posteriormente, a explanação das atividades do dia a professora postava as atividades no Google Classroom e no grupo de WhatsApp, seguido de vídeos do Youtube, áudios, músicas, produzimos vídeos explicando a temática abordada e mensagens de texto estimulando a autonomia. Reafirmo que a parceria entre escola e família nunca foi tão necessária.

Para aqueles que não dispunham de recursos digitais a escola disponibilizava atividades impressas para retirada dos pais ou responsáveis, que ficavam livres para sanar qualquer dúvida e ao finalizá-las retornavam a escola e entregavam as atividades para correção.

Todas as residentes, juntamente com a preceptora, ficavam disponíveis para sanar dúvidas durante toda a aula de forma coletiva ou individual. O retorno se dava por meio de áudios, fotos e vídeos enviados para a professora e quando solicitado para o grupo da turma e no final da aula a professora postava uma planilha com o nome dos alunos que estavam realizando as atividades.

Salientamos que o planejamento e o desenvolvimento das aulas aconteceram à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A mesma define de forma clara o que os alunos precisam aprender (competências e habilidades) nas diferentes etapas

da Educação Básica. Também seguimos as orientações da Secretaria de Educação e o calendário escolar, ano a ano, respeitando as dificuldades vividas no momento levando o ensino de forma sensível e acolhedora.

No final de 2020, início do programa RP, as residentes ficaram responsáveis por fazer um acompanhamento individual com os alunos objetivando sem imposições conhecê-los, o que gostam de fazer, suas dificuldades e seus anseios. Não foi tarefa fácil, tendo em vista que meu aluno não tinha internet em sua residência. Conversamos poucas vezes por chamada de vídeo via WhatsApp, tirando dúvidas das atividades impressas, leitura e interpretação de história infantil e poema.

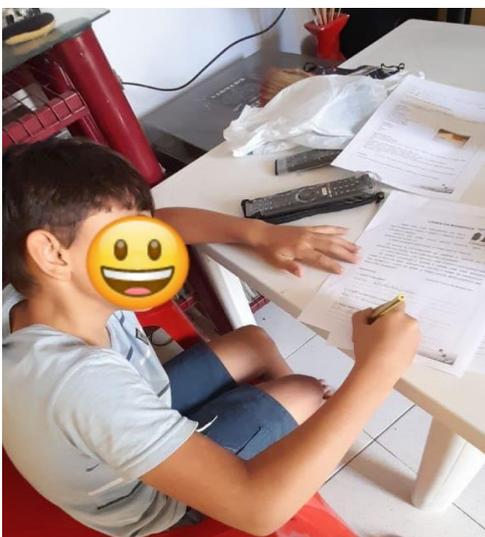


Figura - Arquivo da residente



Figura - Arquivo da residente

Apresento aqui um recorte de algumas atividades desenvolvidas durante os momentos de regência vivenciados nos três módulos. Campina Grande é berço de uma das maiores festas cultural do país, nela é festejado o maior São João do mundo. Desse modo, buscamos trabalhar sobre esse festejo que há dois anos foi realizado em nossas residências. Objetivamos tornar as festas juninas mais prazerosas e lúdicas para suprir, aos menos um pouco, a difícil realidade que nos encontramos, levando amor e solidariedade para dentro dos lares dos pequenos por meio da tela do celular e/ou computador.

Seguindo o calendário escolar, na regência trabalhamos todos os componentes pensando em metodologias e atividades que desenvolvessem o aprendizado de forma leve e contextualizada dentro da perspectiva alfabetizar letrando.

Partimos do trabalho interdisciplinar com o tema de festas juninas. No componente de Língua Portuguesa propomos o estudo com base na leitura, interpretação e escrita. A partir de vários gêneros textuais a exemplo do gênero letra de música na forma impressa e através de vídeos do Youtube, poemas, texto informativo no qual elenca os símbolos das festas juninas, elaboração de receitas típicas, livros digitais e reportagem como exemplos dos resultados temos uma figura a seguir acerca dos retornos dos alunos.

LÍNGUA PORTUGUESA

Com base no vídeo assistido, responda às seguintes questões;

- 1) Existem diversas versões de como surgiram as Festas Juninas, onde e quando se deu a versão retratada no vídeo?
 Na origem quando os portugueses tinham a prática de organizar rituais pagãos para pedir fartura na colheita na qual se incorporava pela igreja católica para celebrar o mês de Pentecoste e Corpus Christi.
- 2) Quais práticas foram incorporadas no calendário da Igreja Católica?
 Danças de homenagem no mês de junho para homenagear 3 dos principais santos da igreja: São João, Santo Antônio e São Pedro.
- 3) Como essa tradição chegou ao nosso País?
 Através da propagação, logo em boca chegando inicialmente os portugueses que trouxeram elementos culturais indígena e africano.
- 4) Quais os elementos presentes nas festas juninas que fazem parte da cultura indígena e africana?
 Danças, músicas e comidas.

Figura – Arquivo do grupo (PRP)

Sempre recebíamos algum retorno no grupo de WhatsApp ou no privado das residentes com perguntas, comentários sobre os vídeos e as atividades. Ficávamos disponíveis durante o horário das aulas para orientar e não deixar os alunos com quaisquer dúvidas. As fotos eram enviadas no privado para a preceptora que nos repassava o desempenho dos mesmos.

No componente de Matemática trabalhamos com resolução de problemas com números naturais, as quatro operações (adição, subtração, divisão e multiplicação) utilizando estratégias diversas, como cálculo por estimativa, cálculo mental e algoritmos utilizando-se do gênero textual receita para um melhor diálogo com período festivo. Interpretação de tabelas de preços (das barracas juninas) e os conteúdos de Geometria. Com auxílio de vídeos explicativos, o recurso “áudio” da ferramenta

WhatsApp, orientando e estimulando os (as) alunos (as) a desenvolverem a atividade proposta.

Não podemos deixar de tratar a Matemática como algo que faz parte do cotidiano das crianças, até hoje ainda se tem um certo “medo” de aprender ou não conseguir aprender os conhecimentos matemáticos, por isso, tentamos tornar seu ensino algo significativo relacionado os conteúdos a temática junina. A partir do desenvolvimento da interpretação de enunciados é possível chegar a uma forma de solucionar o problema.

Os anos iniciais do Ensino Fundamental são responsáveis pela introdução das primeiras noções da Matemática e das mais variadas áreas do conhecimento. É a base para conhecimentos futuros e a forma como esses conteúdos são trabalhados na escola pode determinar o sucesso e o reforçar as dificuldades dos alunos nos componentes.

[...] a Matemática faz parte dos currículos desde os primeiros anos da escolaridade, ao lado da Língua Materna. Há um razoável consenso com relação ao fato de que ninguém pode prescindir completamente de Matemática e, sem ela, é como se a alfabetização não se tivesse completado. (MACHADO, 1990, p.15)

Discutimos, então, a alfabetização matemática que só é possível quando se unificam as duas formas de linguagem, básicas para as instâncias da vida, ou seja, a linguagem matemática e a Língua Materna. Por meio de um trabalho baseado na comunicação, contextualização, leitura, escrita e, especialmente do envolvimento do aluno na construção do conhecimento. Logo em seguida, apresenta-se alguns retornos dos alunos.

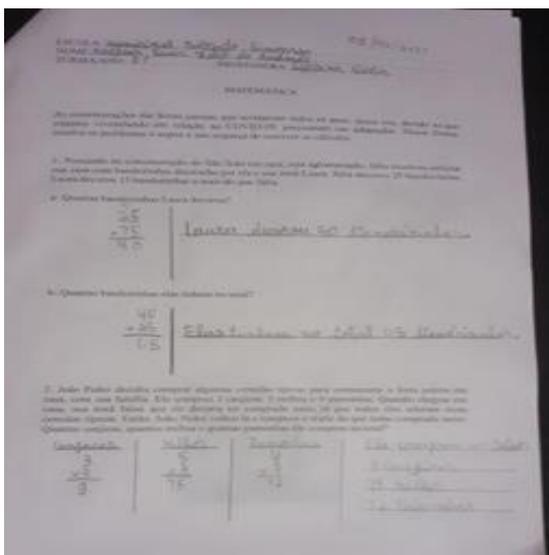


Figura - Arquivo do grupo (PRP)

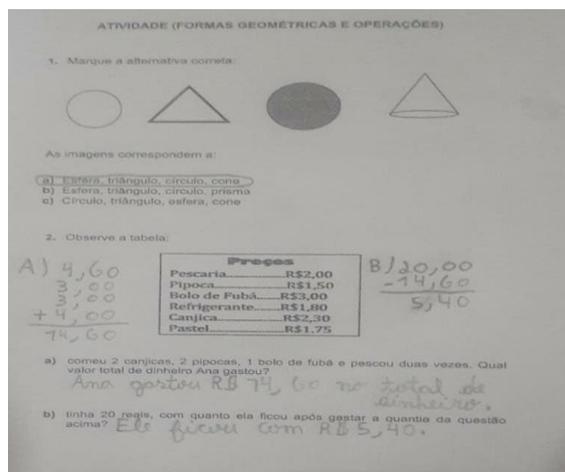


Figura - Arquivo do grupo (PRP)

Em Ciências trabalhamos acerca das comidas típicas dessa época do ano, atividades de interpretação e propomos a experiência chamada “Milho dançante”, um experimento muito interessante além de despertar o olhar para novas descobertas.



Figura – Arquivo do grupo (PRP)

O ensino de Ciências deve de ser um ensino problematizador relacionado com o cotidiano das crianças, propiciar momentos de investigação, atividades experimentais, a exemplo da experiência o milho dançante citado acima, jogos didáticos, brinquedos e brincadeiras, teatro científico dentre outras possibilidades.

Visando uma melhor compreensão dos fenômenos naturais que ocorrem no cotidiano dos alunos.

Tudo isto faz transbordar alegria no desenvolver das atividades, tirando de cena o ensino baseado na memorização e tornando o aluno protagonista nas suas descobertas. Proporcionando abertura para que os alunos possam atuar de maneira crítica e reflexiva no meio em que vive. Com intuito de sensibilizá-los e conhecer os cuidados que devemos ter nas festas juninas e identificar os perigos ao se soltar balões por meio de leitura e interpretação do texto chamado “Por causa de um balão” (Renato Sêneca Fleury), somando a vídeos explicativos. Um trabalho que dialoga com a expressão artística na confecção de cartazes sobre o tema. Além de produção escrita das comidas típicas juninas que eles mais gostam a partir de leitura e interpretação de textos informativos.



Figura - Arquivo do grupo (PRP)

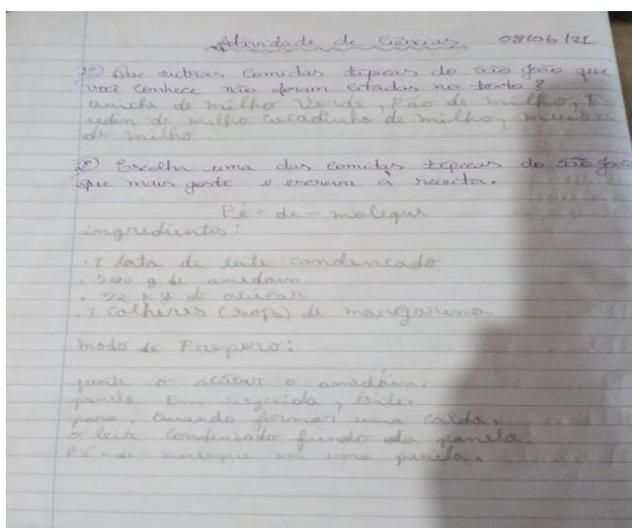


Figura - Arquivo do grupo (PRP)

Em História trabalhamos com leitura e interpretação de textos informativos que tratam da história dos festejos juninos, quem são os homenageados da festa e os elementos que tornam tão especial este momento. Reforço que a alfabetização não finda quando se aprende a ler e a escrever, e. Ela é um processo que se aprimora gradativamente com o decorrer do processo de escolarização e construção dos cidadãos em consonância das práticas de Letramento (as práticas sociais da leitura e da escrita).

Os conhecimentos históricos estão fortemente ligados a estes processos. A pesquisa pela internet ou com os próprios familiares e amigos é uma das estratégias para desenvolver um ensino atrativo e fundamentado, pois estimular a busca pelo saber além da sala de aula é crucial para o bom desempenho do aluno. Atividade de pesquisa sobre o maior São João do mundo e ilustração:

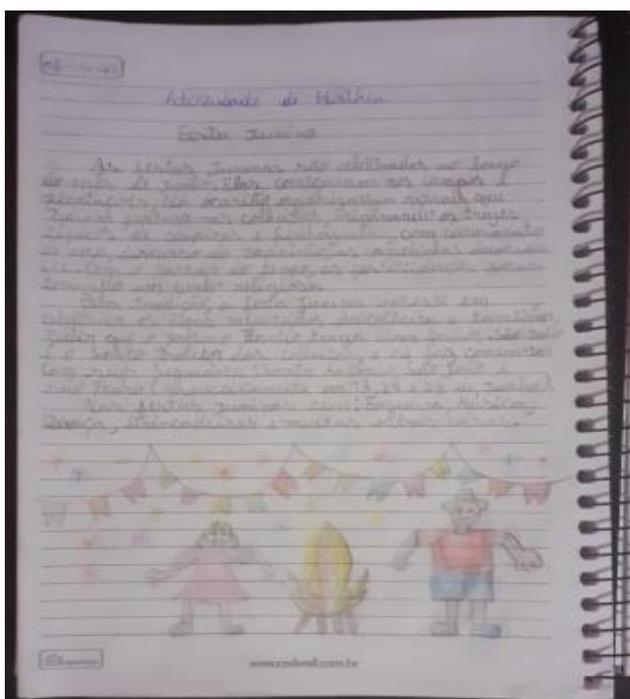


Figura - Arquivo do grupo (PRP)

A produção dos alunos é de suma importância e quando atrelado a histórias que os fazem pensar é sensacional. A exemplo da história "Papelzinho mágico" que as crianças ao lerem e interpretarem esta história descobrem o que esse papelzinho irá se tornar e eles mesmo irão confeccionar a resposta deste enigma e enviar no grupo para que todos socializem.



Figura - Arquivo do grupo (PRP)

Estudar história não pode se deter apenas ao livro didático também é instigar o hábito pela leitura de livros infanto-juvenis, por isso trouxemos o livro digital “Em junho tem São João”, de Fábio Sombra e Sérgio Penna. Que além de compreender melhor essa linda festa estimula a relação prazerosa entre os livros e as crianças.

Fizemos a confecção de um mural junino e pesquisa sobre as festas juninas em Campina Grande/PB. Ainda, propomos brincadeiras tipicamente juninas como: tomba lata e Jogo das argolas com material reciclável. Pois, compreendemos a tamanha importância das brincadeiras para a vida das crianças, ao brincar ela aprende, se diverte e valoriza a cultura local. Segue abaixo arquivos do grupo (PRP):



Figura – Brincadeira tomba lata



Figura – Brincadeira jogo das argolas

Em Geografia estudamos o surgimento das tradições juninas no Brasil, paisagem e suas mudanças através de textos, letras de música como a música: Alô Campina Grande, de Jackson do Pandeiro, que fomenta o trabalho voltado às raízes

nordestinas. Tudo atrelado a Alfabetização e Letramento os saberes geográficos devem ser explorados por meio de linguagens artísticas, notícias, reconhecimento e valorização da nossa região nordeste. Como resultados obtivemos essas fotos que fazem parte dos arquivos do grupo (PRP):

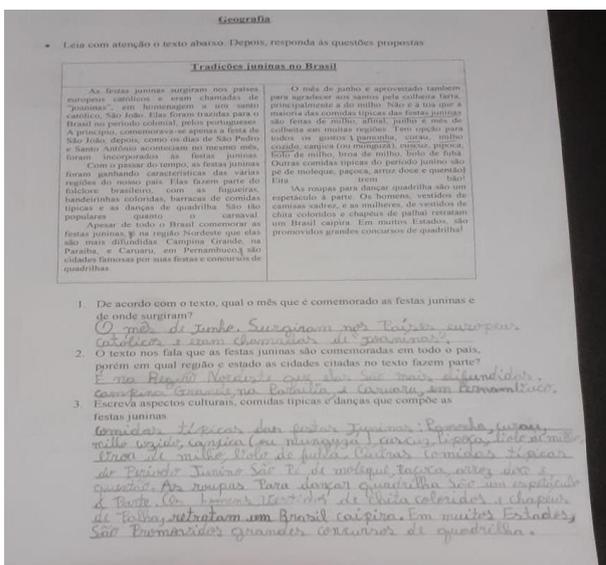


Figura - Arquivo do grupo (PRP)

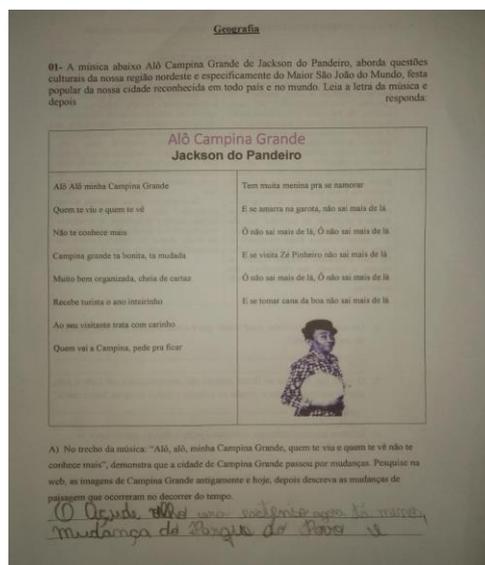


Figura - Arquivo do grupo (PRP)

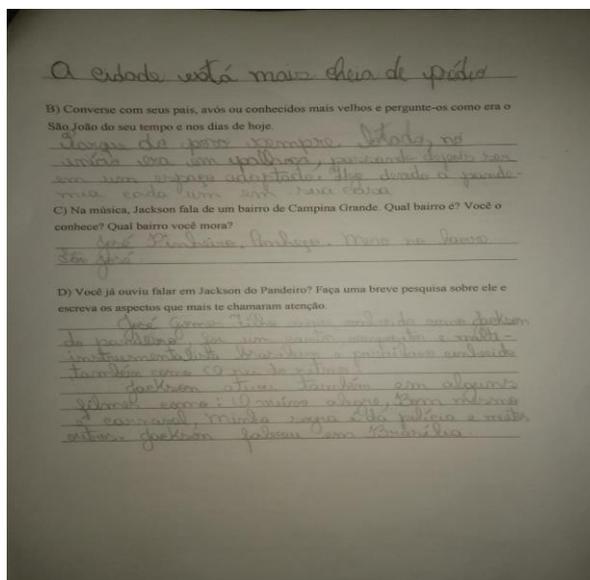


Figura – Arquivo do grupo (PRP)

No componente curricular Artes, trabalhamos com músicas, vídeos e produções realizadas pelos educandos. Este componente contribui para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo. Favorecer o respeito às diferenças

e o diálogo intercultural, muito importante para o exercício da cidadania. “A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores.” (BRASIL, 2018, p. 193)

A Arte propicia o reconhecimento da nossa cultura Nordestina. Nas produções artísticas dos alunos eles exalaram criatividade, interpretação e reinterpretação das festas por meio do desenho partindo da interpretação da biografia do artista plástico Alfredo Volpi, conhecido por retratar em suas obras casarios e bandeirinhas de festas juninas e produzir a releitura. O retorno foi muito significativo como podemos observar em seguida:

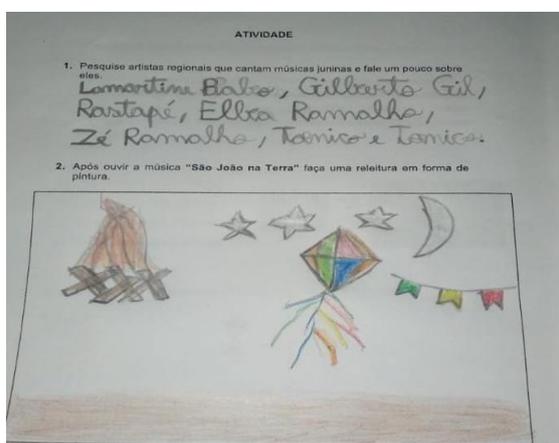


Figura - Arquivo do grupo da RP

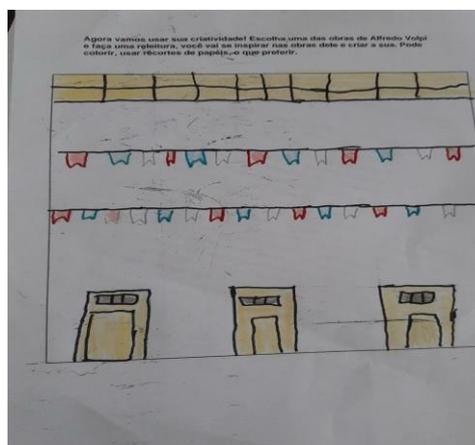


Figura - Arquivo do grupo da RP

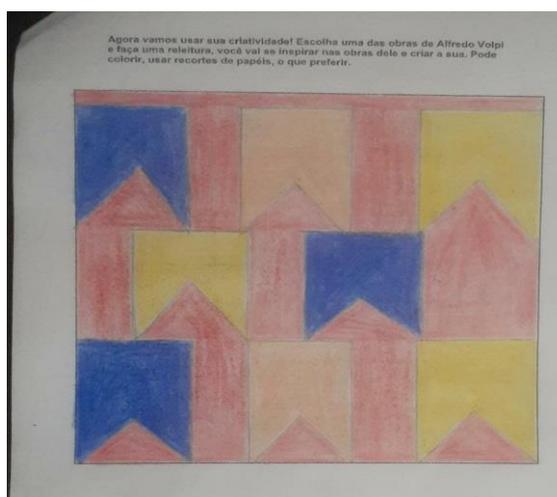


Figura - Arquivo do grupo da RP

Nesse percurso nós, residentes, conseguimos relevantes contribuições para a construção da nossa identidade profissional e pessoal, assim como bons retornos. Porém, não podemos deixar de lado as dificuldades que alguns alunos enfrentam no ensino remoto.

A aproximação entre universidade e escola, durante todo o processo da Residência, permitiu a concretização do Programa. A parceria entre ambos é um ponto fundamental para a construção de ambientes formativos complementares a formação inicial, de forma harmoniosa e construtiva. Como podemos observar, os resultados foram bastante satisfatórios. Levar o ensino para as residências das crianças de forma leve, sensível e cheia de intencionalidade não mede a tamanha contribuição para nós residentes e os alunos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a vivência no Programa Residência Pedagógica possibilitou mais um passo na construção diária como profissional de Educação. Apesar do contexto pandêmico, que trouxe à tona as mazelas da sociedade e a péssima distribuição de renda nesse país, todo o percurso vivenciado no Programa foi fundamental no processo de exercício e entrosamento entre teoria e prática visando uma formação mais sensível e humana.

A Residência Pedagógica oportunizou um olhar mais atento e reflexivo para com o ambiente educativo ainda na graduação, proporcionando uma interação diferenciada entre teoria e prática, entre nós e os estudantes. Pudemos vivenciar experiências singulares advindas do período remoto como a formação e elaboração do planejamento flexível e regência, contribuindo significativamente para todos os envolvidos no processo.

Em todo o percurso a Professora Orientadora Valdecy Margarida e a Professora Preceptora Silvana Nascimento se mostraram prestativas e colaborativas nos auxiliando no aprendizado, desenvolvimento da criatividade e na prática interdisciplinar e crítica. Vivenciar os desafios da escola pública na prática é enriquecedor, agregando valores, suportes teóricos e experiências. Principalmente na dinâmica de compreensão e inovação nas práticas de Alfabetização e Letramento na Educação Básica vivenciadas no contexto remoto.

Toda minha trajetória na universidade foi a realização de um sonho de criança, não foi fácil mas valeu a pena, erros e acertos foram fundamentais para a construção do meu aprendizado. O mais importante é quem nos tornamos na caminhada. Este Programa foi sem dúvida um presente que tornou minha formação mais viva e fundamentada. Como fala Cora Coralina “Nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.” Sigo encantada pela educação e o que possibilita na vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges; MORAIS, Artur Gomes de. **Alfabetização e letramento: O que são? Como se relacionam? Como alfabetizar letrando?**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BATISTA, Antônio Augusto; SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2017.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação**. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

_____; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez - coleção magistério. Série formação do professor, 1990.

MACHADO, N. J. **Matemática e Língua Materna: análise de uma impregnação mútua**. São Paulo: Cortez, 1990.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Minas Gerais: Revista Brasileira de Educação, 2003.

_____. **A reinvenção da alfabetização**. In: _____. Revista presença pedagógica. v.9, n.52, Jul./Ago. 2003.